



# USO E APROPRIAÇÃO DO TERRITÓRIO PRISIONAL A PARTIR DAS TERRITORIALIDADES DA POPULAÇÃO PRISIONAL DO COMPLEXO PENITENCIÁRIO DO SERROTÃO EM CAMPINA GRANDE-PB

Amaro Freire Ameztegui Rosales<sup>1</sup>

Eugênia Maria Dantas<sup>2</sup>

## RESUMO

Com o intuito de corroborar com a ciência geográfica, na pesquisa dos múltiplos lugares do globo, entre as adversidades da realidade de cada fragmento espacial e a complexidade da viabilização da prática investigativa por meio do pesquisador, este artigo procurou analisar a estrutura espacial da prisão e os fenômenos decorrentes das disputas territoriais entre a população carcerária, assim como as relações de poder por meio das práticas espaciais dos atores do cárcere. Para o desenvolvimento da pesquisa que resultou neste artigo, foi escolhido o complexo penitenciário do Serrotão, composto por três unidades prisionais, na cidade de Campina Grande na Paraíba, sendo o maior estabelecimento prisional do Estado em termos de extensão de área. O percurso metodológico adotado para a execução deste estudo está pautado no levantamento de dados oficiais da população carcerária por meio de documentos disponibilizados pela administração penitenciária da Paraíba, e o caderno de informações penitenciária do ministério da justiça; atividade de campo nas estruturas dessa prisão; utilização de softwares de geotecnologia na espacialização dos dados coletados; entrevistas com presos em regime fechado. Os territórios da prisão são fragmentos espaciais em constantes disputas, essencial na sobrevivência de alguns presos ou a manutenção de poder por outros, as territorialidades surgem neste contexto como as práticas espaciais permeadas por poder em exercício dos presos que intervêm diretamente na configuração de cada setor dessa prisão.

**Palavras-chaves:** Prisão, Práticas espaciais, Poder.

## RESUMEN:

Con lo intuito de corroborar con la ciencia geográfica, en la pesquisa del múltiples lugares del globo, entre la adversidad de la realidade de cada fragmento espacial y la complejidad da viabilidad de la práctica del investigación mediante el encuestador, este artículo buscou analizar la estructura espacial de la prisión y los fenómenos decurrente de las disputas teritoriales entre la población prisional, así como las relaciones del poder por intermédio de las prácticas espaciales de los actores de cárcel. Para el desarrollo da investigación que resultou neste artículo, fue elegido el complejo penitenciário del Serrotão, compuesto por três unidad prisionales, en la ciudad de Campina Grande em Paraíba, sendo el mayor complejo penitenciário del Estado en términos de extensión del área. El recorrido adoptado para la ejecución deste estudio esta pautada en el levantamiento datos oficiales de la población prisional

<sup>1</sup> Autor: Pós-Graduando do programa de pós-graduação e pesquisa de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, amaroorsales@gmail.com.

<sup>2</sup> Professora orientadora e coautora: professora titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, [eugeniadantas@yahoo.com.br](mailto:eugeniadantas@yahoo.com.br).



mediante documentos dispuesto pela administração penitenciária de la Paraíba, y lo cuaderno de informaciones penitenciárias del ministério de la justiça; actividad del campo em las estructuras de la prisión; utilización de los softwares del geotecnologia en espacialización de los datos; entrevistas con detenidos en régime cerrado. Los territórios de la prisión san fragmentos espacial en constante disputas, essencial en la supervivência de algunos detenidos ou la manutenção del poder por outros, la territorialidad surgir neste contexto como las prácticas espaciales permeadas por el poder em exercício de los detenidos que intervenir em la configuración de cada sector de la prisión.

**Palavras-chaves:** Prisión, Práticas espacial, Poder

## 1- Introdução

Há quem prefira interpretar o espaço previamente pelos seus determinantes naturais, como estágios e etapas que se iniciam e se encerram; há aqueles que enxergam o espaço unicamente através de números, seja estatístico ou financeiro. Todavia, é preciso expandir os horizontes da concepção espacial, afinal não estamos discorrendo sobre um objeto estático, circunscrito e superficial. Entender o espaço geográfico é entender historicamente como as sociedades se relacionam, de que maneira progredem e de que forma se transformam. Ora, o contexto é sempre mutável e a sociedade e o espaço estão em um contínuo movimento contraditório.

Em sua essência, pode-se dizer que esse processo ininterrupto de transformação do espaço e da sociedade é dialético, no qual “a cada movimento da sociedade corresponde uma mudança de conteúdo das formas geográficas e uma mudança na distribuição do valor no espaço” (SANTOS, 1988, p.16). Em constante movimento dialético o espaço se transfigura de acordo com a relação contínua sociedade espaço, neste contexto pela limitação deste artigo iremos abordar especificamente um objeto de estudo espacial presente integralmente nos centros urbanos, a prisão.

O lugar das prisões, palco de flagelos, torturas, sangue e violência exacerbada, protagonizado, historicamente, como um espaço de castigo para rebeldes, inimigos políticos ou sujeitos que descumprem as leis de Estado ou de seus superiores. O universo prisional no mundo ocidental passa por diversas transformações, tanto pelas reformas do sistema jurídico moderno como na perspectiva arquitetônica. O estado forja modelos de prisões para melhor desempenhar suas técnicas de relações de poder, imputando aos indivíduos que estão sobre regime penal, a coação e o disciplinamento, na perspectiva de tornar esses sujeitos adaptados as regras de funcionamento desses espaços.

A escolha do objeto de estudo raramente parte de uma atitude neutra do geógrafo. Quando ele começa a planejar sua investigação, traz consigo uma bagagem de experiências e



conhecimentos, sistematizando o seu método de interpretação do mundo com coerentes escolhas do seu método de pesquisa de acordo com os objetivos traçados. Neste processo, a relação pessoal e profissional do pesquisador está composta tanto pelo convívio de alguém próximo que passou pela experiência de viver uma parcela da sua vida no sistema penitenciário, como pela oportunidade de participar como professor, do programa de extensão Pró-Enem.

Com aulas exclusivas direcionadas a preparação dos presos para realização do ENEM PPL, as provas de ENEM para pessoas privadas de liberdade, o programa Pró-Enem surge como uma espécie de cursinho preparatório dentro da cadeia, oportunidade vista como indispensável pelo pesquisador.

A pesquisa tem por objetivo geral analisar as territorialidades enquanto práticas espaciais que ordenam os territórios do estabelecimento penitenciário. Mais especificamente: Caracterizar a área de pesquisa composta pelas três unidades prisionais, dando ênfase a unidade Raymundo Asfora, como a principal cadeia de regime fechado do complexo penitenciário; compreender o processo de superlotação das estruturas da unidade prisional Raymundo Asfora apontando os principais pavilhões com focos de superlotação; discutir as territorialidades dos presos, considerando o discurso como poder e prática espacial dos detentos, em que a partir da ação da linguagem o preso intervêm diretamente na configuração territorial.

## **2- Percurso metodológico**

O percurso metodológico adotado para a execução deste estudo está pautado em pesquisa bibliográfica, levantamento de dados demográficos dos estabelecimentos penitenciários que compõe o complexo penitenciário do Serrotão como os dados da população geral que fazem parte da convivência e os dados específicos dos trabalhadores, reconhecimento da área de estudo através da atividade de campo com o auxílio dos funcionários da instituição sendo autorizado pela secretaria de administração penitenciária da Paraíba, para leitura e análise dos dados obtidos, é feito o uso de softwares de geotecnologia para especializar os dados coletados “A utilização de geotecnologias é extremamente importante no momento moderno. Vem evoluindo de forma significativa nos últimos anos” (Andrade, 2013, p.27).

O primeiro software utilizado para o estudo do objeto de pesquisa, é o Google Earth, sendo uma ferramenta de baixo custo, em um modelo tridimensional entre imagens aéreas e imagens de satélites, multifuncional para o uso no âmbito da ciência geográfica, sendo capaz de trabalhar com dados contabilizados, e o tratamento das informações espaciais, para a



produção dos shapefiles no uso da elaboração cartográfica. Consecutivo a produção da shapefile, é realizado a aplicação por meio do software QGIZ, versão 2.18.28, (Datum Horizontal SIRGAS 2000),

Para o tratamento dos dados contabilizados, e espacialização, usando a ferramenta. para a construção respectivamente dos mapas temáticos, ligados ao recorte espacial da pesquisa, a caracterização da área. Sucessivamente a produção dos mapas temáticos, é produzido o mapa de densidade de kernel, em que, a priori, realizou-se o cálculo de área, com base em arquivo vetorial correspondente a cada pavilhão (P1, P2, P3, P4...), em seguida dividiu-se a área total do pavilhão pelo total de apenados respectivamente (Exemplo: total de apenados do P1 dividido pela área total de P1), a fim de obter a distância mínimo disponível eles nas respectivas áreas.

“Mapa de Calor”, o que gerou um arquivo raster de formato “GeoTiff” contendo os valores estatísticos de densidade. A obtenção do arquivo raster, possibilitou a elaboração de mapa de calor temático estimando a densidade populacional por conglomerados, onde forma renderizados classificados em cinco classes, sendo elas: “Muito Baixo”, “Baixo”, “Médio”, “Alto” e “Muito Alto”.

Por fim as entrevistas como dados primários levantados que revelam diretamente a partir do discurso como prática social, assimilando a fala como elemento presente da realidade espacial, como os presos delimitam suas territorialidades e os seus territórios a partir das relações de poder disciplinares e relacionais na rede de comunicação em cada lugar do presídio, entre os elementos, trabalho e crime e correspondem a dois mundos distintos da penitenciária, a parte superior onde é caracterizado enquanto território de ordem legal comandado pelo estado e parte inferior onde são os territórios relacionais disputados entre os grupos de presos, assim o discurso verbal e não verbal fazem parte das ações que configuram o espaço prisional e revelam ao leitor quais são as estratégias diretamente relacionadas as territorialidades que cada preso desempenha na sobrevivência por um lugar no regime prisional.

Neste trabalho, os presos são retratados em seus discursos por nomes fictícios que não correspondem diretamente com seus nomes próprios, porque questão de segurança como foi acordado com a administração penitenciária do Estado da Paraíba, durante a realização da pesquisa entre os anos de 2019 a 2021.

### **3- O espaço penitenciário enquanto territórios de disputa pela sobrevivência: as práticas espaciais permeadas pelo poder dos atores do cárcere**



Analisar a penitenciária como um espaço socialmente produzido pelos poderes dos seus atores, que fazem a instituição ter a funcionalidade de penitenciária, é compreender não só a força do Estado, mas o corpo social da detenção que é estruturado predominantemente pelos presos, em termos de número e práticas espaciais contínuas, produzindo e reproduzindo o espaço penitenciário.

A análise da prática espacial supõe discutir a territorialidade desses grupos sociais e dos sujeitos inseridos nesta conjuntura, “Essa territorialidade, resume, de algum modo, a maneira pela qual as sociedades satisfazem, num determinado momento, para um local, uma carga demográfica e um conjunto de instrumentos também determinados suas necessidades em energia e informação.” (RAFFESTIN, 1980, p. 161).

A territorialidade é estruturada por meio dos vetores de energia e informação, independente se encontra-se instável ou estável, assim nos remete a uma trama das práticas espaciais conscientes dos grupos sociais no cárcere, mediante a energia, pautado por meio da comunicação, em que é transcorrido o conjunto de informações.

A comunicação interpessoal é composta pelos meios formais e informais, sendo caracterizado os meios formais como mensagens via e-mail, e mensagens de aplicativos de celular. É comum a presença dos objetos técnicos como aparelhos celular, nas penitenciárias, por mais que exista vistorias e revistas íntimas.

O preso diante do seu espaço coletivo de convivência, executa a territorialidade como uma prática espacial permeada pelo poder, essa ação realizada diante do seu discurso para com os outros presos, influência diretamente na configuração territorial da penitenciária. Neste sentido, a territorialidade também surge como uma ação a partir da linguagem, em que a informação contida nesta comunicação transcorre a estrutura de poder para os dois polos da comunicação, “dessa forma, a territorialidade pode acontecer enquanto discurso, o que nos leva a compreensão das territorialidades discursivas” (MORAIS, 2017, p. 72).

A territorialidade é a ação que presume a apropriação do fragmento do espaço por cada ator social desse lugar, é o meio pelo qual se constitui cada território dentro da conjuntura espaço prisional. O território enquanto “produção a partir do espaço, ora a produção, por causa de todas as relações que envolve” (RAFFESTIN, 1980, p. 144), conjectura que esse fragmento espacial não é somente produto de uma apropriação do espaço simples e abstrata, mas uma parte de uma problemática relacional para a constituição deste território.

Colocar o território penitenciário enquanto o território relacional é revelar sua complexidade, isto porque este fragmento espacial se torna fruto das relações multilaterais entre



seus diversos atores sintagmáticos, atribuindo a este espaço vários significados de cada relação espacial desempenhada.

“Se optarmos por uma problemática relacional, é porque pensamos que as relações são capazes de tornar inteligíveis o poder político e suas manifestações espaciais” (RAFFESTIN, 1980, p. 31), o território relacional é o território das várias trocas, é o espaço forjado pela coletividade e suas expressões, seja as intervenções dos atores hegemônicos do cárcere que aqui colocamos como as principais organizações criminosas ou seja o próprio Estado, o território relacional parte da disputa do poder que se apoiam no espaço.

Assim sendo, colocamos aqui que o espaço surge como trunfo para os atores do cárcere, sendo a principal representação de poder na esfera prisional, ou seja, na cadeia tem quem seu espaço, tem poder. Nesse sentido, os principais motins, conflitos e rebeliões nas cadeias brasileiras de 2016 a 2021 são disputas dos territórios da prisão pelos atores sintagmáticos, que anseiam pelo domínio de um pavilhão, de um corredor quiçá de uma cela para constituir seu próprio território.

“O espaço é um suporte, além de um recurso, e por conseguinte, um trunfo” (RAFFESTIN, 1980, p. 31), a vida em sociedade pressupõe disputas e resistências para conquista do seu lugar, na cadeia onde o espaço de convivência é ainda mais restrito, a disputa e os conflitos ganham maior intensidade, o que faz o espaço ser o trunfo no qual todos querem ter, pelo poder do domínio da cadeia para alguns ou pelo recurso da sobrevivência para outros, o espaço nesta circunstância é o principal trunfo para ser conquistado.

#### **4- Caracterização da área: da colônia agrícola a superlotação extrema da unidade prisional Raymundo Asfora**

O Serrotão, localizado na cidade de Campina Grande (PB), é um complexo de estabelecimentos penitenciários para apenados em regime fechado, composto por três unidades: a *Penitenciária Regional Padrão*, a “Máxima” de Campina Grande, destinada para os sujeitos com prisões preventivas à espera de julgamento, que ainda não têm sentenças definidas ou que cabe recursos no processo penal; a *Penitenciária Regional de Campina Grande Raymundo Asfora*, destinada para detentos já sentenciado da ala masculina; e a *Penitenciária Feminina de Campina Grande*, único estabelecimento da cidade destinado a detenção da ala feminina, abriga as detentas sentenciadas e as que esperam por julgamento.

Historicamente o Serrotão foi projetado para ser uma colônia agrícola, tendo em vista o crescimento da população carcerária da cidade. já tinha traços de sua superlotação em plena



década de 90 e necessitava que outra unidade prisional desse o suporte, tendo em vista o aumento do número da taxa de aprisionamento e consequentemente os números da população carcerária local.

Foi idealizada para ser uma colônia agrícola e receber apenados do regime semiaberto, mas hoje é utilizada como penitenciária propriamente dita, literalmente para cumprimento de penas em regime fechado. Foi projetada em uma área de 12 hectares, com uma muralha de 6 metros de altura, rodeada de uma serpentina energizada e com cabos elétricos com voltagem em torno de 8.000 volts (VIEIRA; GOMES, 2020, p. 93)

Mesmo sem a configuração projetada de um complexo penitenciário, a penitenciária Raymundo Asfora, designa a nomenclatura de “O Serrotão”, foi a primeira unidade prisional a ser inaugurada em setembro de 1990, com cerca de 280 vagas.

Para o leitor ter a dimensão dos aspectos demográficos atuais do complexo penitenciário em sua totalidade, de acordo com o INFOPEN (2019), a soma da população carcerária das três unidades prisionais que configura o complexo é de 1.869, o que representa 14% do contingente de presos do estado da Paraíba, que é de 3.326. Considerando o complexo temos “na Raimundo Asfora 1.108 (8 provisórios); Penitenciária Feminina de Campina Grande: 93 (dentre as quais 7 eram provisórias/sem condenação); Penitenciária Padrão: 668 (provisórios - sem condenação)” (SILVA; GOMES, 2020, p.10).

O Mapa 1 apresenta informações específicas de cunho demográfico mostrando a distribuição entre apenados por cada pavilhão na penitenciária masculina regional Raymundo Asfora, em que é projetado por meio dos dados demográficos e a área de cada pavilhão, pressupondo uma distância mínima de um metro entre o lugar de cada interno.

Tomando como parâmetro o sistema penitenciário nacional, com a taxa de ocupação dos seus estabelecimentos prisionais que se situa em torno de 171%, a unidade Raymundo Asfora segue também esse mesmo processo de superlotação nos espaços de convívio, entretanto na realidade dessa penitenciária os números são ainda mais acentuados. “Destinada para o recolhimento de presos condenados já possuidores de guia de recolhimento, tem capacidade para abrigar 280 apenados e se encontra, na data desta pesquisa, com 1120 reeducandos, com superlotação em 403% acima de sua capacidade” (VIEIRA; GOMES, 2020, p.93)

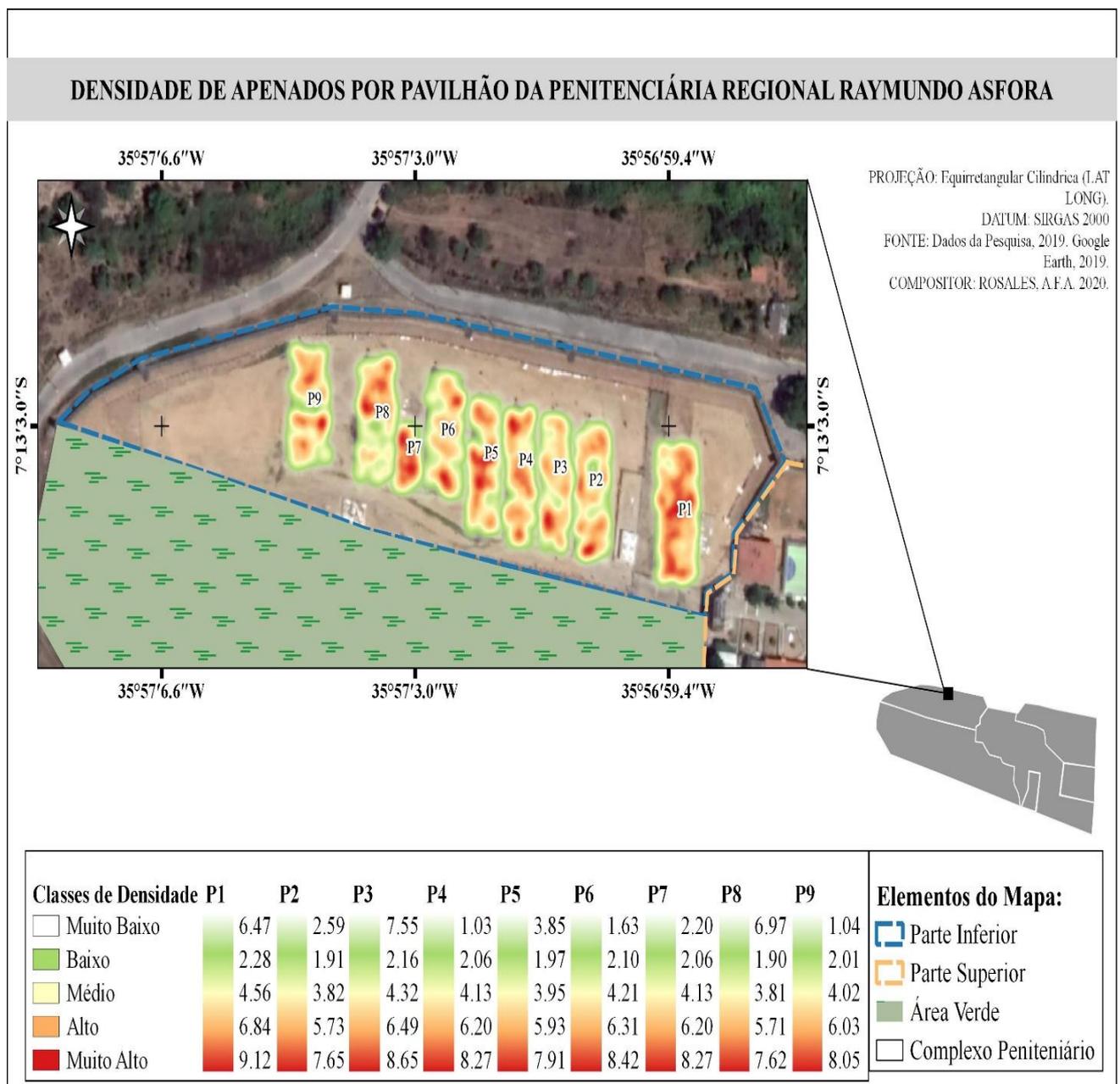
Com a média de 403% de ocupação das instalações dessa unidade prisional, em meados de 2020, a penitenciária Raymundo Asfora se revela enquanto uma prisão problemática, com o número muito maior de internos do que pode suportar. A defasagem do controle da administração penitenciária facilita domínio das leis dos presos na parte inferior da



penitenciária, que detém não somente as chaves das celas desse mundo, mas são os principais atores a configuração dos territórios a partir do segundo pavilhão.

A configuração demográfica racial da população dessa unidade é composta por 78,58% de pardos, 11,99% de pretos, 9,21% de brancos e 0,21% indígenas, esses dados corroboram com a perspectiva de que o sistema prisional brasileiro é direcionado majoritariamente para população negra, tendo em vista que a diferença de pardos para pretos nesses números oficiais é conforme como cada preso se autodenomina.

Mapa 1: Densidade de apenados por pavilhão da penitenciária regional Raymundo Asfora.





De acordo com o mapa 1, o primeiro pavilhão, dada sua complexidade entre a ala segura e o setor amplo de apenados que desenvolvem o trabalho prisional, é o conglomerado de maior densidade demográfica entre os nove que estruturam a parte inferior da penitenciária. A distribuição espacial da população carcerária é variável como todos os outros pavilhões, pelo fato de as relações entre presos estarem em constante dinâmica, o que resulta alterações diretas na cadeia hierárquica entre eles.

Esse lugar encontra-se superlotado, onde a ala segura se apresenta o epicentro da superlotação do pavilhão, representado quase que unanimemente pela coloração vermelha, a densidade populacional encontra-se “muito alto”, o que torna esse setor da penitenciária palco de contínuas disputas pelo espaço e constante local de tensão que pode resultar em motins, desse modo, qualquer erro na logística desse lugar, facilitando o acesso do restante da população com esses internos pode resultar em um acontecimento sangrento, uma possível carnificina dentro da penitenciária, em virtude da maioria desses indivíduos estejam jurados pelos outros presos.

Do segundo ao quinto pavilhão, tem sua distribuição média uniforme, com índices semelhantes de distribuição da população representadas por cores de tonalidade mais clara, que na classificação do mapa varia de “alta” para “baixa”.

A organização desses pavilhões específicos como pavilhões coletivos, também contribui para esse tipo de configuração demográfica, distribuídos como barracos, o quinto pavilhão é o que tem maior densidade demográfica por interno nessa estrutura específica de pavilhão.

Entre o sexto e o sétimo pavilhão, há um modesto aumento na concentração demográfica desses conglomerados, mesmo classificados como pavilhões individuais, a estrutura material desse lugar na grande maioria se encontra sucateada, como destaca o pavilhão sete, que tem parte do estabelecimento das celas e corredores inviáveis para habitação, concentrando a população carcerária desse pavilhão em apenas um setor, por isso esse conglomerado no mapa é representado unicamente pela classificação “muito alto”.

Hierarquicamente, devido os dois últimos pavilhões terem maior importância na cadeia das relações de poder entre os apenados, é registrado por meio da cartografia do mapa 5 uma estreita redução na densidade demográfica desses alojamentos, principalmente no pavilhão oito.

Deste modo, há uma seletividade imposta pela hierarquia do poder entre os apenados para residir nestes dois últimos conglomerados, isto posto, impõe um arranjo demográfico particular para esses dois últimos pavilhões.



Conhecido como um dos caminhos para arremesso de drogas, conseqüentemente a entrada das substâncias ilícitas na unidade prisional, não é involuntariamente que a maior concentração populacional esteja na parte B desses pavilhões, estando no limite da penitenciária, a aproximação com os muros facilita a troca de informações seja imaterialmente ou seja por meio de mercadorias.

Com variações demográficas entre os pavilhões e os seus setores, entre a convivência na parte A ou na parte B, o resultado integral dessa falta de planejamento em comportar mais de mil presos sem infraestrutura adequada, é a superlotação na totalidade dos pavilhões da parte inferior da penitenciária. Assim, acarretando a insuficiência do controle do presídio por parte da administração penitenciária, do segundo ao último pavilhão desse universo, as decisões são dos presos, do que se pode fazer ou não, de como se ocupa e usa o espaço penitenciário.

Ainda sobre essa configuração espacial e demográfica sobre esta cadeia, colocamos dois grupos do crime organizado que se colocam como rivais e disputam os territórios da penitenciária, facções denominadas de “Estados Unidos” e a “Okaida”. “A facção ‘Estados Unidos’ surgiu depois da ‘Okaida’, com vista a fazer o enfrentamento aos rivais e inimigos da Okaida” (SANTOS, 2015, p. 126). A facção criminosa “Estados Unidos” tem origem no estado da Paraíba e representa uma das principais forças do crime no estado, disputando com a Okaida ou Al Queda (essa identificação varia dependendo do lugar onde esteja) os territórios do tráfico de drogas entre as comunidades e bairros nas cidades paraibanas e os espaços dentro das unidades prisionais. Argumenta Santos (2015):

Assim, como as facções criminosas que atuam no sudeste do país, a ‘Okaida’ e os ‘Estados Unidos’, nasceram no interior das penitenciárias paraibanas, empregando a mesma doutrinas e *modus operandi* do PCC em São Paulo e CV no rio de Janeiro, empregando um padrão claro que dê muito sofrimento, intimidando, coagindo e matando aqueles que se opõe; assim, a conquista de adeptos funda-se por meio da força e, em alguns casos, na forma de autossobrevivência. (SANTOS, 2015, p.72).

Os “Estados Unidos” tem sua estrutura proveniente do grupo paulista Primeiro Comando Capital (PCC), em que funciona como célula local dessa organização que atua em todo o país e em outros países latino-americanos.

## **5- A disputa dos territórios da prisão: interfaces entre o discurso e prática no sistema penitenciário**

O indivíduo colocado em regime penal, no lugar de uma instituição penitenciária nos moldes das prisões brasileiras, vive uma constante disputa territorial pelo seu lugar, que pode



acarretar conflitos internos entre colegas de celas e pavilhões, como conflitos que ultrapassem as barreiras da prisão, refletindo diretamente na condição de vida dos seus entes.

A territorialidade como prática espacial permeada pelo poder, é ação posta pelos presos nessa disputa incessante, que se dá através de um indivíduo especificamente ou por um grupo, como foi colocado o exemplo das facções criminosas que detêm os seus territórios na cadeia, mas que pela rivalidade e a estratégia da venda de suas mercadorias dentro do território prisional, buscam sempre ampliar o seu raio de influência nos diversos setores do lugar da prisão.

Na prisão Raymundo Asfora a maior do complexo penitenciário, há duas realidades contrastantes e distintas. Por um lado, a parte superior da penitenciária configurada pelo setor administrativo, direção e os espaços reservados para o corpo de segurança da instituição, estruturados pela polícia penal, militar e o grupo penitenciário de operações especiais da secretaria de administração penitenciária (GPOE).

Nesse setor está os presos que desenvolvem as atividades de trabalho prisional. A parte superior da prisão, é o território onde o Estado representado pela administração penitenciária, tem controle total de todas as práticas e relações que acontecem nesse lugar.

Mas essa realidade é bem diferente quando passamos pelo quartão de monitoramento, que divide cada setor da penitenciária, e realocamos o nosso olhar sob a parte inferior da prisão.

Seu Amaro as condições que a gente se encontra é assim: do portão pra baixo a cadeia é inimiga dos agentes, quando os agentes passam do portão, eles começam a gritaria e fica aquele tumulto todo, como se fosse uma guerra mesmo, do portão pra baixo os presos são inimigos dos agentes, os agentes falam mal “aquele sebozo, tá! (referência a agressão por meio do chute)” joga spray de pimenta, tenta piorar a situação deles certo, são poucos que tentam melhorar a situação deles, e eles piorar, então é assim eu vejo que é uma guerra constante, entre os detentos e os agentes, é aquela disputa pra ver quem manda mais na cadeia, então eu acho assim se você quer mudar, tem que esquecer lá em baixo, viver aqui em cima e entender o lado que todos aqui são trabalhadores são pais de família, tão aqui por que precisam, só que tem muito agente que tem a mente fechada para certas situações, porque acha que agredir é mais fácil, porque acha que pode agredir verbalmente porque tá acima do poder, é mais fácil, só que realmente não é aquela situação, você tem que entender que somos presos? Somos! Mas também tem que entender que somos seres humanos, todos nós temos famílias, todos nós temos necessidades, então tem a gente que entende nosso lado e conversa, hoje mesmo sem cigarro pedi uma carteira de cigarro (demonstra na mão a carteira de cigarro que ganhou de um policial penal), entendeu? Qual é o preso que tá lá embaixo que vai chegar e vai dar uma carteira de cigarro, então eu acho assim que a gente cria um vínculo, cria uma amizade, que por mais que não seja com o devido respeito, eles começa a observar também o lado da gente (Discurso Rennan, 2021).

Cada território uma realidade complexa, uma trama de relações entre a sobrevivência e a hegemonia, que disputam os territórios na dimensão material e imaterial do lugar da prisão, assim como nosso informante (Rennan, 2021) coloca “o portão pra baixo a cadeia é inimiga



dos agentes, quando os agentes passam do portão, eles começam a gritaria e fica aquele tumulto todo, como se fosse uma guerra mesmo”, esse seu discurso reflete como o poder e a violência são instrumentos diretos na realidade prisional de disputa de territórios.

Neste sentido, travam uma batalha contínua pelo território prisional, o Estado aqui representado por suas instituições, e especificamente os presos da parte inferior da penitenciária Raymundo Asfora. A parte inferior da penitenciária, também conhecida entre os que residem nela, como a favela do Serrotão, isto posto, é onde se localizam os pavilhões e celas de convivência. É nesse território que vive a grande maioria dos presos, entre as famílias que dominam os bairros da cidade, as organizações criminosas, os assaltantes de banco, e diversidade dos presos que cumprem pena de regime fechado no complexo penitenciário do Serrotão. “Lugares conquistados ou perdidos nas lutas que se desenrolam, seja entre os próprios presos ou entre esses e a administração, representam troféus conquistados durante as negociações ou conflitos” (SILVA, 2008, p.122).

O conflito entre ambos os poderes do espaço prisional, as principais territorialidades dos presos se fazem presente, na estratégia da organização do espaço intra pavilhões que ocultam celulares e objetos técnicos das vistorias, do controle das chaves dos pavilhões pelos internos que conduzem toda dinâmica do território dos pavilhões, das faxinas como reordenamento dos lugares de convivência, da resistência desses presos que se dá por meio do discurso hostil contra os representantes do Estado e dos obstáculos postos no território prisional para dificultar as operações do corpo de segurança. “Então é assim eu vejo que é uma guerra constante, entre os detentos e os agentes, é aquela disputa pra ver quem manda mais na cadeia (Rennan, 2021)”.

Na disputa pelo domínio do território prisional, cada fragmento deste espaço se torna um instrumento estratégico de sobrevivência como de influência. As resistências e a complexidade das relações são mútuas. A parte inferior configurada como o principal lugar de resistência a força do Estado nesta penitenciária, também tem seus movimentos conflituosos entre seus próprios internos, e a disputa entre os presos desse lugar da cadeia é constante, o poder não se apresenta como um elemento homogêneo, mesmo quando se tem uma facção presente em todos os pavilhões, como a facção Okaida.

Nem todos que estão na parte inferior da penitenciária, estão necessariamente ligados a um crime organizado, um grupo, ou necessariamente uma família que domina determinado território, a presos que disputam minimamente seu lugar de convivência e suas formas de sobreviver por meio da territorialidade.

A diferença entre os poderes da parte de cima e de baixo da cadeia, estabelecem territórios de configurações distintas, por um lado a parte de cima representada por um território



de ordem legal, “o mundo de cima, da administração, é pensado como o território da ordem legal, da lei da justiça da polícia” (SILVA, 200B, p. 96). Este território se apresenta com semelhanças e diferenças, comparado ao outro setor da penitenciária. Segue o discurso de Willian:

Há diferença entre os lugares da penitenciária e muito porque cada pavilhões há chefe né, na cadeia é rígido é muito rígido e você não pode fazer nada de errado tem que andar sempre na linha então lá embaixo é muito mais difícil porque qualquer coisa que você faça de errado você paga quando você for junto isso já é uma coisa de dentro da cadeia que já vem há muitos anos né, já aqui na parte de cima a gente tem que trabalhar corretamente também porque nossos superiores o que a gente fizer de errado e não passar para eles a gente vai ser cobrado então se a gente acoberta, passa uma mão por cima então a gente também tá fazendo as coisas erradas, então o sistema prisional lá embaixo a diferença é essa eles lá é quem manda lá embaixo, aqui quem manda né autoridade porque a partir do momento que deixa a cadeia lá embaixo e sobe aqui pra cima qualquer coisa errada é passado para disciplina então o convívio aqui em cima é melhor porque você tem uma companhia, você tem espaço pra lavar sua roupa e você tem uma liberdade entre aspas de transitar, a confiança que o sargento nós trouxe para transitar e se for pra um lugar mais distante a gente tem que conversar com eles certo tem que passar pra eles ou se não ele vai acompanhado (Discurso Willian, 2021).

Para nosso informante (Willian, 2021), ter passado da parte de baixo para parte de cima foi um progresso na sua vida enquanto apenado do Serrotão, se vendo enquanto um ser que tem uma “liberdade” neste lugar e agora desfruta de companhias. Contudo, fica claro no seu discurso que esses setores, mesmo com configurações territoriais diferentes, a parte cima de cima da prisão o território de ordem legal e a parte de baixo o território relacional, não tem tantas diferenças.

Isso porque a descrição feita por cada lugar tem como destaque as normas e as disciplinas como algo presente na organização desse espaço, toda ação executada pelo preso está condicionada as disciplinas do lugar, seja na parte de baixo ou na parte de cima. As disciplinas no universo prisional são técnicas de relação de poder de espionar e punir, estão presente nos horários, nas atividades, nas refeições e em todos os ofícios da vida de um detento, no domínio minucioso do corpo, em razão das transformações da delinquência, em corpos dóceis. Assim, evidência Foucault (2009):

Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita (FOUCAULT, 2009, p.134).



As relações de poderes disciplinares neste contexto, além de vigiar todos os momentos do preso em regime penal, também tem o objetivo principal a punição. Na parte de cima próximo a administração penitenciária, possivelmente perderia alguns dias de serviço e a remissão de pena desses dias não trabalhados, na parte de baixo a punição entre colegas de pavilhão é variável, entre a violência física, e pagamento com serviços de limpeza, com a faxina e a lavagem de roupas dos outros internos, a disciplina é para todos, quem não cumpre terá que lidar com as consequências.

O território de ordem legal e relacional dentro da perspectiva do Serrotão, tem suas semelhanças na forma como conduzem suas relações de poder, assim colocadas nas entrelinhas do discurso do nosso informante. O poder pode ser simétrico ou dissimétrico (RAFFESTIN, 1980). Na prisão esse tipo de poder necessariamente é dissimétrico tendo em vista que sempre há alguém que perde nessas correlações de forças.

As principais diferenças entre esses territórios, está relacionado aos interesses referente a cada ator do cárcere, e suas estratégias. Para o Estado, o fundamental é manter a ordem legal em todos os lugares de sua própria instituição e aplicar a lei penal em sua integridade para os detentos. Na visão da maioria dos presos, é resistir as diretrizes impostas pela instituição, e usarem o espaço dos pavilhões a favor de suas finalidades, instituindo um código de convivência entre os presos que possua maior relevância do que as normas estabelecidas pela administração do presídio.

A mudança de lugar na vida de um preso dentro do Serrotão, acentua as relações conflituosas como demonstra o informante (Sebastião, 2021):

A questão é, quem escolhe trabalhar tem que colocar na sua cabeça que você tá colocando um ponto final na sua vida no crime, eu não tenho a confiança, eu não tenho mais o respeito, eu não tenho mais a consideração que eu tinha antes, a partir do momento que eu escolho subir para cá, eu perdi tudo o que me levava a ser um criminoso de consideração, já deve ter outro no meu lugar, por quê? Porque eu subi pra trabalhar. A partir do momento que você sobe pra trabalhar acabou sua vida no crime, no dia que eu subi pra você ter uma ideia, eu morava no pavilhão cinco, foi uma repesaria tão grande que foi do cinco ao dois os cara gritando, “não faz isso não, voltar pelo amor de Deus, ta ficando doido?” tudim dizendo a mesma coisa. “não faz isso não abestalhado, tu vai deixar tua vida aqui, teu sossego pra fechar com os agentes? Pra fechar com os cabuetas? Então na mente deles você tá fechando com os agentes, então você perde realmente a confiança de quem tá lá e baixo, e se chegasse ao ponto de eu descer de novo, eu não teria a mesma confiança, os cara que moravam comigo no pavilhão mesmo disseram que se for pra morar de novo aqui vai ser em outro pavilhão, aqui não! (Discurso Sebastião, 2021).

As oportunidades de trabalho e estudo na realidade do Serrotão são irrisórios e não atendem nem 10% de toda população carcerária, os poucos internos que conseguem essa oportunidade de trabalhar, não pensam duas vezes, pois sabem que essa atividade pode acarretar



uma possível remuneração para seus familiares e por meio do trabalho prisional tem a chance de remissão de pena.

Para o detento Sebastião a mudança para o território de ordem legal, na parte de cima da prisão, acirrou a rivalidade com os antigos companheiros de cela que na sua saída dos pavilhões de convivência, logo foi hostilizado e questionado pelo seu ato “no dia que eu subi pra você ter uma ideia, eu morava no pavilhão cinco, foi uma represaria tão grande que foi do cinco ao dois os cara gritando, ‘não faz isso não, voltar pelo amor de Deus, ta ficando doido?’ tudim dizendo a mesma coisa” (Sebastião, 2021).

Tal relato, demonstra a resistência por parte da maioria dos presos desse setor da penitenciária em aderir proximidade com as instituições do Estado presentes na cadeia, aqueles que se colocam a favor deste tipo de poder, automaticamente se tornam inimigos.

Na prisão, as formas de se apropriar do território prisional são múltiplas, a população carcerária tenta extrair cada prática espacial que resulte na forma de relação de poder sobre o espaço, assim sendo, o discurso aqui colocado pelos presos do Serrotão, se tornaram um dos principais vetores para essa apropriação do espaço, seja na parte superior da penitenciária ou na parte inferior onde estão alocados os principais presos. A territorialidade discursiva faz parte da realidade da prisão, e toda materialidade vigente na configuração deste território percorre a dimensão das ideias e da linguagem até a concretização das formas geográficas materiais.

## **6- Considerações Finais**

A geografia do cárcere se apresenta pluralmente nas dimensões da vida do indivíduo, após atravessar as muralhas que segregam a vida em sociedade para o regime penal. A totalidade das relações do apenado para com o espaço penitenciário reflete nas formas geográficas desse lugar, em um movimento contraditório constante, no qual o espaço penitenciário estruturado pela tecnologia penal com suas disciplinas, relações de poder simétricas e dissimétricas, moldam os tipos de práticas espaciais de um apenado que está sob a vigilância e a punição, por sua vez, o preso a partir da interação com o espaço prisional deixa suas marcas nesse lugar. São os símbolos nas paredes que representam uma força de uma organização, são as marcas do trabalho na superfície, quiçá os territórios delimitados intra pavilhões, as circunstâncias são inúmeras e infindáveis dessa relação entre o espaço prisional e o preso.

O complexo penitenciário do Serrotão, elaborado inicialmente para ser uma colônia agrícola, em poucos anos se tornou o principal complexo penitenciário do Estado, contudo não



teve em nenhum momento estrutura para conter os quase dois mil presos que residem nas instalações dessa prisão. A defasagem das instalações da estrutura dessa prisão, conjunto ao sucateamento de anos sem reformas nos espaços de convivência e uma superlotação que excede os 400% das vagas ofertadas, muito maior do que a média nacional de 175%, favoreceram para que os presos tenham maior domínio do espaço penitenciário, conseqüentemente para a administração penitenciária, principal representante do Estado neste lugar, a carência do controle de setores da penitenciária se tornaram inevitável, como a parte inferior da prisão Raymundo Asfora.

Nesse processo de apropriação do espaço prisional, o discurso é um dos principais instrumentos da população carcerária para apropriação e uso desse território, essa ação aqui colocamos como territorialidades discursivas, que intervêm e transforma as formas geográficas de cada fragmento do território prisional, tornando o território do espaço prisional de maior controle pela população carcerária, do que o próprio Estado.

## 7- Referências

ANDRADE, J. B.; CARVALHO, A. O.; REGO, C. A. R. M.; DIAS, C. W. S.; CHAGAS, L. C.; ROCHA, S. F.; MARINHO, T. R. S.; BRITO, D. R. B. **Distribuição espacial e temporal da cobertura vegetal e uso do solo do município de Anapurus - Ma.** In: Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, 16. (SBSR), 2013.

INFOPEN, Levantamento nacional de informações penitenciárias. **Ministério da Justiça.** Distrito Federal, 2019.

MORAIS, Hugo Arruda de. **Territórios, Territorialidade e discursos em torno dos projetos de assentamentos rurais em Passira-PE:** Uma análise discursiva do processo de inclusão socioterritorial das famílias assentadas. Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Recife, 2017.

FOUCALT, Michel. **Vigiar e punir.** 15ª ed, Petrópolis: Vozes. 2009.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** 1.ed. São Paulo: Ática, 1980.

SANTOS, Carlos Eduardo Batista dos. **“Okaida” e “Estados Unidos”, organizações criminosas: a nova face da criminalidade na cidade de João Pessoa, Paraíba.** Natal, RN, 2015.

SANTOS, Milton. **O espaço geográfico como categoria filosófica.** Terra Livre, São Paulo, n.5, p. 9-20, 1988.

SILVA, V.F; GOMES, V.F. **Nas tramas da prisão: Corporalidades, Drogas, trabalho e resistências no Complexo Penitenciário do Serrotão.** EDUEPB. Campina Grande, 2020.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE  
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM

**GEOGRAFIA**

XIV ENANPEGE  
ESPAÇO DIGITAL

VIEIRA, A.A; GOMES, GOMES, V.F. **Nas tramas da prisão: Corporalidades, Drogas, trabalho e resistências no Complexo Penitenciário do Serrotão: Mãos a obra: os presos e o trabalho na penitenciária do Serrotão.** EDUEPB. Campina Grande, 2020.